

COMPREENDER PARA (RE)TEXTUALIZAR: O PERCURSO DE ESCRITA DE UM RESUMO SOB UM PRISMA PROCESSUAL

Marina Martins Pinchemel Amorim
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Márcia Helena de Melo Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Filipe Santos Guerra
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa que teve como escopo desnudar atividades de retextualização por meio de uma ótica processual. Tencionamos corroborar com a discussão a respeito das operações cognitivas/textuais/linguísticas/discursivas que ocorrem no decurso de um processo de retextualização, perscrutando, a partir de dados processuais, a gênese de um resumo, mais especificamente como a atividade de compreensão textual se efetiva no decurso do engendramento de um resumo escrito por uma dupla de discentes de um curso de graduação em Letras, tendo por base um ensaio escrito por Roberto Pompeu de Toledo. Nosso *corpus* é formado por dados processuais do resumo, a saber: gravação em áudio e transcrição do diálogo mantido entre os estudantes no processo de feitura do texto; uma ulterior entrevista concedida a nós pelos indivíduos acerca de operações efetuadas por eles ao longo da escrita, gravada em áudio e transcrita; o rascunho do resumo e a versão final do supracitado texto. Como aporte teórico basilar deste trabalho, empunhamos os postulados de Flower e Hayes (1981); Bakhtin (1997 [1979]); Marcuschi (2004 [2001]); Matêncio (2002; 2004) e Koch (2010). Averiguamos que só é possível retextualizar um texto caso haja total ou parcial compreensão dele. Além disso, notamos que ocorrências por nós salientadas ao longo do diálogo mantido pela dupla de discentes, como tentativas de compreensão do texto-base, estão distribuídas por todos os processos de escrita do novo texto, desde o planejamento até a reescrita, o que ratifica a não-linearidade do processo de construção textual.

Palavras-chave: Dados Processuais; Escrita Conjunta; Retextualização.

Introdução

O trabalho com gêneros do discurso tem ganhado grande dimensão na Linguística e na educação, pois o ensino de Língua Portuguesa por meio de gêneros configura-se como uma ação sociointeracionista, que considera as situações reais de uso da linguagem. Os enunciados, como postulado por Bakhtin (1997), embora independentes, são relativamente estáveis e organizados em gêneros do discurso. Estes são formados por três pilares: tema,

estilo e forma composicional. Consoante ao cenário apresentado e ao conceito de gênero do discurso, nosso trabalho busca contribuir com as pesquisas em questão, a partir de um ponto de vista processual do texto.

Flower e Hayes (1981) são pioneiros em um modelo cognitivo de escrita, por meio do qual buscam apresentar um método para responder algumas questões a respeito das forças que influenciam o escrevente durante o curso da composição. Para tanto, afirmam os autores que a melhor forma de propor um modelo do processo de escrita é estudando um escrevente em ação, existindo várias maneiras de se chegar a esse objetivo. Tendo em vista essa premissa, debruçamo-nos sob um *corpus* de dados processuais de escrita conjunta de uma dupla de estudantes universitários, que permitem uma análise do procedimento de construção de um resumo sobre o ensaio “Os pássaros, a canção e a pressa”, de Roberto Pompeu de Toledo (1994). A Crítica Genética, dessa forma, orienta nossa metodologia de pesquisa.

Esta ação (transformação de ensaio em resumo) configura-se como uma retextualização, processo não mecânico conceituado por Marcuschi (2010) como um conjunto de operações complexas que interferem tanto no código como no sentido de um texto.

Desse modo, nosso objetivo foi investigar a retextualização durante o processo conjunto de construção e produção final do resumo feito pela dupla supracitada. Para alcançá-lo, elencamos alguns objetivos específicos: (i) discutir o modelo cognitivo de escrita; (ii) definir os gêneros resumo e ensaio; (iii) caracterizar a retextualização e as operações que a envolvem; (iv) problematizar as operações escrita-escrita presentes na construção do resumo pela dupla; (v) avaliar o fator compreensão no processo de retextualização.

Nosso artigo é apresentado nos seguintes tópicos: 2 Referencial teórico, no qual discutimos alguns autores que conceitos que embasam nossos estudos; 3 Metodologia, reservado para expor os materiais, sujeitos envolvidos, *corpus* e método de análise dos dados; 4 Análise e discussão dos dados, que consiste em nossas impressões a partir dos dados observados, e as Considerações finais, fazendo um apanhado geral deste artigo.

2 Referencial teórico

Como neste artigo analisamos o processo de escrita de um resumo, tratando-o como produto de uma retextualização, iniciaremos nossa discussão apresentando o modelo cognitivo de escrita e a retextualização propriamente dita.

2.1 Modelo cognitivo de escrita proposto por Flower & Hayes

Consideramos um texto como produto resultante de um processo. Por isso, debruçamo-nos sob o modelo cognitivo de escrita de Flower & Hayes (1981), que apresenta um método para responder algumas questões a respeito das forças que influenciam o escrevente durante o processo de composição. Afirmam os autores que a melhor forma de propor um modelo do processo de escrita é estudando um escrevente em ação, existindo várias maneiras de se chegar a esse objetivo.

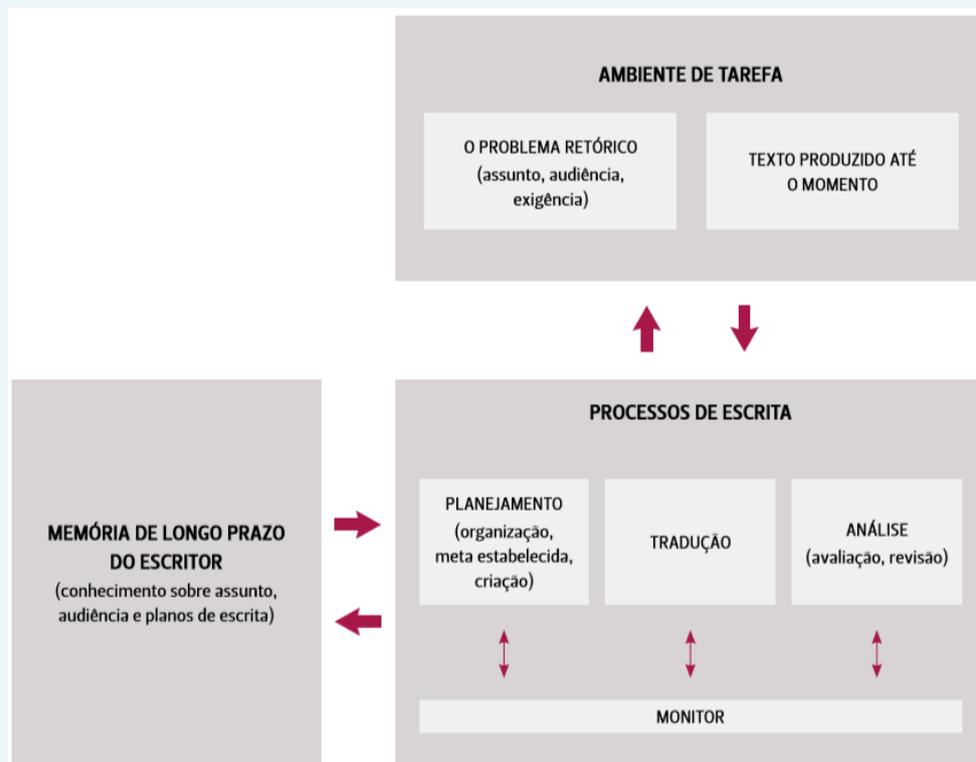
Flower & Hayes (1981) postulam que as fases da escrita descritas por Gordon Rohman (1965) – “pré-escrita”, “escrita” e “reescrita” – não são estanques, muitas vezes, ocorrendo simultaneamente. Portanto, eles propõem um modelo de processo cognitivo analisando o protocolo de escrita, ferramenta de pesquisa muito utilizada para o trabalho com processo de construção textual. A técnica apresentada pelos autores requisita que o escrevente pesquisado trabalhe pensando em voz alta, enquanto é gravado por um aparelho sonoro: todas as operações, ideias, alterações e pensamentos deveriam ser ditos em voz alta, como se o escritor estivesse conversando consigo mesmo. Para a análise, o áudio é transcrito pelos pesquisadores e são verificadas as etapas pelas quais o texto passou até chegar no texto final.

Visando orientar as investigações do processo de escrita, Flower & Hayes (1981) descrevem três principais elementos refletidos nas unidades do modelo cognitivo: (i) ambiente da tarefa; (ii) memória de longo prazo do escritor; (iii) os processos de escrita. Sendo assim, é possível afirmar, a respeito de (i), que tudo o que é externo ao escritor, como por exemplo a tarefa de escrever, faz parte do ambiente de tarefa. Em (ii), temos o armazenamento de todos os conhecimentos do escritor sobre a temática da escrita, a audiência e os planos de escrita. Por fim, (iii) refere-se ao próprio processo de escrita, que, segundo os linguistas, incluem os processos básicos de planejamento, tradução e análise.

Neste trabalho, consideramos a etapa “tradução” proposta por Flower & Hayes como processo de redigir o texto propriamente dito, dada a carga semântica de traduzir um texto de uma língua para outra que o termo supracitado carrega.

Flower e Hayes apresentam o seguinte modelo de processo de escrita:

Figura 1. Modelo cognitivo de processo de escrita



Modelo conforme Flower & Hayes (1981, p. 47).

De acordo com o modelo, o ambiente de tarefa (composto pelo problema retórico e o texto que vai sendo produzido) e a memória de longo prazo do escritor interferem nos processos de escrita e vice-versa. Embora os vários processos que surgem na escrita sejam esquematizados no modelo acima, os próprios autores afirmam que essa organização é mais complexa e ativa nos processos mentais do que o próprio trabalho deles busca modelar. Sendo assim, faz-se necessário compreender que os processos de escrita apontados (planejar, redigir e analisar) podem ocorrer simultaneamente e de forma não linear enquanto o escrevente produz.

Para Flower & Hayes (1981), o que orienta o processo de composição é o conjunto de metas estabelecidas pelo escrevente do texto. Assim, podemos dizer que no resumo a meta é apresentar, de forma sucinta e imparcial, as informações mais relevantes de uma obra estudada. Essa meta guiará toda a escrita do sujeito, desde o planejamento, durante todas as operações na redação do texto e em sua análise.

Como veremos mais à frente, a retextualização é a transformação de um texto em outro. O modelo cognitivo apresentado demonstra o processo de tessitura textual, sendo assim, ele também dá conta de processos de retextualização, pois esta é igualmente um processo de composição, de tessitura textual, realizada por meio de operações, tal como um texto “inérito”.

Diante do exposto, temos que textualizar e retextualizar são processos envolvidos na produção de texto. Isto posto, a compreensão do modelo de escrita proposto por Flower & Hayes (1981), a consciência de que a escrita não passa por um processo sequenciado e, ainda, de que o autor é diretamente influenciado por questões externas ao texto são imprescindíveis para que possamos avançar na discussão da investigação aqui proposta.

A seguir, apresentamos o subtópico “Retextualização: um novo texto a partir de um texto base”, no qual discorreremos acerca dessa ferramenta e as operações que a envolvem.

2.2 Retextualização: um novo texto a partir de um texto base

O pontapé para as discussões sobre retextualização se dá com a publicação do livro *Da fala para e escrita: processos de retextualização*, por Marcuschi (2010), no qual o linguista apresenta a retextualização – principalmente voltada para a operação fala-escrita – como ferramenta para o trabalho com textos. Essa atividade não é uma cópia nem um processo mecânico e envolve operações complexas que interferem tanto no código quanto no sentido:

A retextualização tal como tratada neste ensaio, não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código quanto no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita (MARCUSCHI, 2010, p.46).

Marcuschi (2010) levanta quatro possibilidades de retextualização: fala-fala; fala-escrita; escrita-escrita; escrita-fala. Essas operações são muito comuns em nossas atividades verbais cotidianas, embora nem sempre percebamos que as estamos realizando. Consideramos que a produção de um resumo é uma atividade de retextualização do cunho escrita-escrita.

Outra autora que permeia nossos estudos é Matêncio, para quem “retextualizar é produzir um novo texto a partir de um texto-base, pressupondo-se que essa atividade

envolve tanto a relação entre gêneros e textos [...] quanto relações entre discursos” (MATÊNCIO, 2002, p.111). A autora ainda ressalta que a produção desse novo texto implica, necessariamente, na mudança de propósito.

Retextualização e reescrita, em alguns momentos colocadas como sinônimas, são diferenciadas pela autora. De acordo com Matêncio, a tarefa de reescrita de um texto é significativamente distinta da tarefa de produzir outro texto por meio de um texto-base, pois, embora possam envolver operações linguísticas similares, “como as operações de acrescentamento, supressão, substituição e reordenação tópica” (MATÊNCIO, 2002, p.112), no campo das operações textuais e discursivas há grandes divergências. A reescrita, então, é vista como uma atividade de refinamento das propriedades de um texto, sendo uma nova versão do mesmo, e a retextualização, um novo texto escrito a partir de um texto-base.

A compreensão é destacada por Marcuschi (2010) como um aspecto imprescindível para a retextualização. Esse caráter da retextualização exige que o estudante apreenda o conteúdo (ou a mensagem) do texto base, o que demonstra que a retextualização também atua no exercício da interpretação textual. Essa é uma das características da retextualização que a torna eficaz para o trabalho com gêneros, pois leva o estudante a compreender os textos-base e a reconstruir aquilo que foi apreendido de forma contextualizada e original. Essa prática beneficia tanto a interpretação textual, por meio do entendimento do conteúdo do texto que é retextualizado, como a apropriação, por parte dos estudantes, de diversos gêneros textuais, que são os meios pelos quais nos comunicamos e que têm fundamental relevância no desenvolvimento da competência linguística e no exercício da cidadania, como a defesa de opiniões e direitos dos indivíduos.

Um exemplo de gênero do discurso que é fruto de uma retextualização é o resumo. Visto que nosso objeto de investigação é o processo de escrita de um resumo partindo de um ensaio, trataremos desses dois gêneros do discurso, a seguir.

2.3 Os gêneros do discurso envolvidos no processo de retextualização em evidência

Em linhas gerais, o termo “gêneros do discurso” é uma nomenclatura postulada pelo círculo bakhtiniano para determinar os tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo eles orais ou escritos (BAKHTIN, 1997). Um gênero é formado por três pilares: tema, forma composicional e estilo (podendo ser do gênero ou individual). Visto que retextualizar é uma ação que envolve a criação de um novo texto a partir de um texto base – como vimos

anteriormente –, a mudança de gênero entre os textos envolvidos é uma operação que ocorre com frequência nesse processo.

Como, neste trabalho, lidamos com uma dupla de estudantes de Letras Modernas que se debruçaram sobre um ensaio para produzirem um resumo, é pertinente discutir algumas características de ambos gêneros citados, afim de situar o leitor a respeito de seus aspectos composicionais, temáticos e estilísticos.

O ensaio, como gênero do discurso, de acordo com Paviani (2009), surgiu no século XVI. Todavia, é possível encontrar escritos com características de um ensaio ainda na Grécia Antiga, como, por exemplo, em Aristóteles e Plutarco. Atualmente, é comum encontrarmos ensaios nas áreas da Filosofia, Crítica Literária e Artística e em diversas ciências. Segundo Paviani (2009, p.3),

[...] o ensaio, com características desenvolvidas de diversos modos e com diferentes intensidades, é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico ou, ao contrário, sem diminuir o rigor da exposição.

Definir o gênero discursivo em questão é uma tarefa difícil, visto que o ensaio apresenta aspectos que o torna difícil de distinguir e classificar. Entre os pontos elencados por Paviani (2009) como definição de um ensaio, temos: o ensaio é um estudo que não tem pretensão de acabamento, sendo uma espécie de proposta com caráter provisório; seu estilo aproxima-se do literário, porém é formalmente desenvolvido; o ensaio pode ser de caráter literário, científico ou filosófico; a exposição do tema segue uma linha lógica; tipicamente, apresenta um julgamento e interpretação pessoais; o escrevente precisa ter informação cultural para discorrer no ensaio.

O ensaio que é objeto (texto-base) do resumo (retextualização) produzido por nossos sujeitos foi escrito por Roberto Pompeu de Toledo – jornalista e escritor de vários livros literários e de caráter sociológico – e publicado na revista *Veja* (1994). O texto surgiu motivado pela morte do poeta e cantor Tom Jobim, à época, e o jornalista discorre sobre a “indústria da urgência”, do imediatismo e das tecnologias que corroboram para tal.

A ação de resumir, de acordo com Matêncio (2002), está diretamente ligada à atividade de leitura, pois o leitor, ainda que apenas mentalmente, resume e sumariza enquanto lê o texto. Na sumarização, o sujeito visa definir o que é relativamente importante em uma proposição. Quando a ação de resumir um texto, além de implicar leitura, envolve também a

elaboração de um novo texto, isto é, uma retextualização, tem-se a produção do gênero resumo (MATÊNCIO, 2002, p.115).

Para alcançarem o objetivo proposto pela sumarização, estratégias de apagamento e substituição são realizadas na escritura do resumo, possibilitando que somente as informações mais relevantes estejam presentes nesse novo texto. Essas estratégias são operações que fazem parte do processo de escrita do texto, pelo modelo cognitivo de Flower & Hayes (1981) anteriormente apresentado. Podemos considerar as operações peculiares do resumo com sendo ações praticadas pelo escrevente no planejamento e na redação do texto.

Na esfera acadêmica, encontramos diversos tipos de resumo. O resumo do qual tratamos nesse artigo tem o objetivo de, na modalidade escrita, sintetizar o assunto discutido em um texto anterior, mantendo fidelidade ao que é apresentado no texto-base e indicando a compreensão do leitor que se torna o escrevente do novo texto. Como anunciado no subtópico anterior, a compreensão é um dos aspectos imprescindíveis para a retextualização, bem como para o gênero resumo. Afinal, para construir um bom resumo, o escrevente deve fazer uma leitura atenta e buscar compreender o texto em seu todo, dando, também, atenção às peculiaridades, para que consiga eleger os principais aspectos do texto que devem ser retextualizados no resumo.

Segundo o autor, no processo de construção de um texto do gênero resumo, o escrevente faz operações mentais que traduzem suas escolhas nem sempre conscientes. Portanto, para escrevermos um resumo, precisamos eleger as informações mais relevantes do texto-base, assegurando que o texto produzido consiga apresentar, sinteticamente, o que é proposto no texto que o originou. Portanto, a sumarização é de grande importância nesse procedimento, assim como é na retextualização.

Dessa maneira, e considerando as demais características do resumo discutidas nesse artigo, o gênero resumo se vê conectado à retextualização de tal modo que possamos afirmar que um resumo sempre será produto de uma retextualização e mais: a retextualização é um processo de tessitura de texto – tal como um texto original – porém, a partir de um texto-base.

A seguir, explicitamos o *corpus* do trabalho e a metodologia utilizada para sua análise.

3 Metodologia

Para que possibilitar nossa análise do processo de construção textual, reunimos dados colhidos em 2013 a partir da produção de um resumo a partir do ensaio “Os pássaros, a canção e a pressa”, publicado na revista *Veja*, em 1997, de autoria de Roberto Pompéu de Toledo. O resumo foi escrito por uma dupla de estudantes do curso de Letras Modernas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Vitória da Conquista.

A escrita conjunta foi essencial para que pudéssemos ter acesso ao diálogo da dupla enquanto escreviam o texto. Nas pesquisas apresentadas por Hayes e Flower (1981), o método consistia na narração do escrevente, em voz alta, de cada uma das operações que realizava no texto, bem como seus pensamentos, como se estivesse “pensando alto”, na fala popular. Em nosso caso, a partir da escrita conjunta, o registro desses pensamentos e das justificativas para alterações no texto são mais espontâneas, garantindo a fidedignidade ao processo de escrita.

O resumo teve duas versões: 1 - rascunho, sem apagamentos das alterações realizadas; 2 - versão final. A comparação das duas versões foi imprescindível em nossa pesquisa, uma vez que, a partir dela, observamos as poucas alterações que a dupla fez. Como dissemos, foi realizada gravação em áudio de toda a conversa que os estudantes mantiveram a respeito do texto com a intenção de analisar o diálogo em busca de episódios que despertassem a atenção para que, em outro momento, os alunos fossem questionados a respeito das operações que realizaram e das indagações que surgiram na conversa entre eles e que motivaram discussões e construção de parágrafos.

Uma semana após a elaboração do texto, os estudantes foram submetidos a uma entrevista, na qual foram questionados a respeito de aspectos de escrita e reescrita do texto. Desse modo, os próprios estudantes disseram por que apagaram, por que substituíram e assim por diante. Nosso corpus foi formado, portanto, por: (i) o ensaio de Toledo (1994); (ii) a transcrição da conversa mantida pela dupla durante a elaboração do resumo; (iii) a transcrição da entrevista realizada com a dupla; (iv) o rascunho do resumo; (v) a versão final do resumo.

A partir desse vasto material sobre o qual vários olhares linguísticos podem ser lançados, buscamos fazer a análise da retextualização, em busca de operações de escrita-escrita e fala-escrita que ocorreram. Os dados foram analisados a partir de conhecimentos adquiridos pelos textos teóricos que fundamentaram nossa pesquisa, como já explicitados no tópico 2, Referencial teórico. A seguir, apresentamos nossa análise, a qual consta de momentos iniciais da escrita do resumo.

4 Análise e discussão dos dados

Para configurar-se como retextualização, é necessário que o texto produzido (T2) tenha sido originado por um texto anterior, o texto base (T1). Não se trata de uma cópia ou processo mecânico. Marcuschi (2010) destaca a compreensão como imprescindível nessa ação. Dessa forma, a partir da compreensão do texto base, é possível produzir novos textos.

Portanto, a compreensão será o primeiro aspecto a ser discutido nesse momento de produção textual. Apresentaremos alguns episódios que retratam a dedicação dos estudantes em compreender o texto. Logo após a leitura silenciosa do ensaio, texto base para o resumo, L e W começam a discutir sobre o que trata o texto, como vemos a seguir:

W: Fazendo um contraste, na verdade, né? Interessante que ele faz primeiro um percurso histórico né?

L: Hunrum.

W: Mas o foco...

L: O foco é Jobim.

W: Mas o foco é o celular.

L: O foco é Jobim ou o celular? Porque ele começa falando do celular. Aí ele fala assim: Essa observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antônio Carlos Jobim.

W: É, mas você percebe que, ao longo do texto, ele fala da urgência, da pressa, da questão dos orelhões e, como, com o celular, a pessoa consegue, de algum modo... Como eu poderia falar? Não ficar pra trás no tempo, porque aqui fala que quem não entra no ritmo e tal.

L: Hunrum.

W: Aí, depois, ele retoma a Antônio Carlos...

L: Mas, assim...

W: ..falando que ele fez o contrário. Entendeu?

A estudante L defende que o foco do texto é o artista Antônio Carlos Jobim, enquanto W acredita ser o celular. Ambos são citados e discutidos no ensaio, portanto, os alunos buscam identificar qual destes é o tema central. No ato de resumir, é necessário que o escrevente faça operações mentais para definir o que é realmente importante no texto base.

A respeito desse e de outros (des)entendimentos entre a dupla, vale reforçar que, na pesquisa em questão, tanto a leitura do texto-base quanto a sua retextualização, por meio do engendramento de um resumo, foram feitas de modo conjunto.

Fica claro, portanto, que a escrita conjunta é um processo de alteridade, de negociação entre os sujeitos e, desse modo, é possível afirmar que todo o resumo contará com a

determinante participação de ambas as escreventes. Isso já foi ratificado, inclusive, por Passarelli (2012), ao trazer, em sua obra, o relato de José Roberto Torrero sobre uma narrativa (*Terra Papagalli*) escrita por ele, juntamente com Marcus Aurelius Pimenta:

– Nosso método, quando a gente trabalha em dupla, é que um de nós faz uma primeira versão, geralmente o Marcus faz toda uma primeira versão. Eu pego o que ele fez, refaço tudo de novo, até o fim, reescrevo. Aí, ele pega... e reescreve. E nisso a gente vai conversando muito. Ah, tem que matar tal personagem, ele está chato... este aqui pode crescer. E, depois de fazer várias vezes esse vai e vem da história, que a gente vai mudando muito, a gente faz algumas versões conjuntas, o que é que está ruim ou não, refaz os capítulos na hora, e é nessas horas que a gente dá um grande salto. A gente vai mudando muito. (PASSARELLI, 2012, p. 152).

Van Dijk (1997 *apud* COELHO, RIBEIRO, AMARAL, 2002) afirma que, no ato de resumir, o escrevente faz operações mentais para definir o que é realmente importante no texto base. Nossos sujeitos, durante muitos momentos do diálogo, demonstram preocupação em definir o que é relevante no texto para, então, constar no resumo. Eles aparentam desejar detectar e selecionar os pontos primordiais do ensaio, como pudemos ver no trecho anterior.

O primeiro parágrafo do ensaio (texto-base) introduz o telefone celular e a morte de Antônio Carlos Jobim, músico e compositor brasileiro:

Houve um tempo em que quem falava sozinho na rua era considerado louco. Hoje, nove casos em dez, trata-se do portador de um telefone celular, pessoa considerada normal. Esta observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antônio Carlos Jobim, mas vamos por partes, começando por um retrospecto do que tem sido a aventura humana neste século (TOLEDO, 1994, p. 150).

Os escreventes discutem a respeito desse parágrafo, alegando que não adivinharam que a sentença inicial sobre o telefone celular viria por causa da morte do referido músico. Eles afirmam que faltou a eles “conhecimento de mundo”. Vejamos essa parte da conversa:

L: Quando ele fala “Essa observação, como já terá adivinhado o leitor”, você já tinha adivinhado?

W: Não.

(Risos).

L: Porque, assim, será que...

W: Faltou conhecimento de mundo.

L: Faltou conhecimento de mundo, porque eu acho que, é... a morte dele deve ter alguma coisa a ver com... relacionado a isso aqui, entendeu?

W: É.

L: A esse primeiro parágrafo aqui. Esse primeiro período.

W: Que ele fala sobre a questão de falar sozinho...

L: É.

W: ...na rua e tal.

L: Que, tipo assim, quando ele fala que fez... Ele fala do celular e tal, e fala assim: Como já terá adivinhado o leitor, é como se essa questão do celular tivesse ligada à morte de Jobim.

Conhecimento de mundo é um dos fatores da coerência abordados por Koch e Travaglia (2015). De acordo com os linguistas, este “desempenha um papel decisivo no estabelecimento da coerência: se o texto falar de coisas que absolutamente não conhecemos, será difícil calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência” (p.72). Os estudantes têm certa dificuldade em relacionar o telefone celular com a morte de Antônio Carlos Jobim, por não terem conhecimento a respeito de como se deu a morte do poeta, bem como por não estarem inseridos na época do acontecimento; eles buscam solucionar esse problema pesquisando, na internet, a respeito da morte de Tom Jobim:

L: Eu cliquei num blog.

L: Parada cardíaca.

W: Parada cardíaca?

L: Jobim estava se recuperando de um câncer de bexiga, e morreu no hospital não sei o que lá, em Nova York, enquanto fazia uma angioplastia.

W: Angioplastia é relacionada às veias né?

L: Não sei.

W: Eu não tô conseguindo fazer, então, a relação com esse texto.

L: Eu sou um leitor muito burro pra...

W: Também tô achando. Tá faltando muito conhecimento de mundo.

Os sujeitos L e W descobrem o motivo da morte, mas ainda não conseguem relacioná-la com o outro tema do ensaio, o celular. W atribui o problema encontrado, novamente, à falta de conhecimento de mundo. Durante a entrevista realizada com a dupla, ao ser questionado a respeito da necessidade de entender o foco do texto, o estudante W afirma: “Eu acho que sim. Na minha opinião, é interessante você saber do que se trata, de fato, o texto, pra você ter mais propriedade pra reproduzir aquilo num resumo”. E completa, a respeito do problema de ligação lógica entre o celular e a morte de Jobim: “Faltou um conhecimento de mundo pra entender”. Assim, o estudante demonstrou sua necessidade de compreender para retextualizar.

Conclusão

A partir da análise dos dados, averiguamos, como postula Marcuschi (2010), que somente é exequível retextualizar um texto caso haja compreensão dele (seja ela total ou parcial). Como tratamos de escrita conjunta, o diálogo com o parceiro de escrita também foi um fator que colaborou para a compreensão do texto.

Além disso, pudemos perceber que ocorrências por nós avultadas no decorrer do diálogo mantido pela dupla de discentes – como tentativas de compreensão do texto fonte – estão espalhadas por todo o processo de escrita do novo texto, o qual, segundo Flower e Hayes (1981), é multifacetado e engloba outros três, a saber: planejamento (fase em que o escrevente produz uma espécie de representação interna do que irá constar em seu texto); tradução de ideias em palavras (fase em que a representação mental do texto é transposta em algo cognoscível e escrito); revisão (fase em que o escritor decide rever tudo o que planejou escrever ou escreveu anteriormente). Isso ratifica a não-linearidade do processo de construção textual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COELHO, Fernanda de Castro Batista; RIBEIRO, Lígia de Souza; AMARAL, Valéria Batista. Resumo: representações do gênero por um sujeito que ingressa no curso de Letras. *Ao Pé da Letra* (UFPE), v. 4, p. 75-82, 2002.

FLOWER, Linda; HAYES, John R. A cognitive process theory of writing. In: *eCollege Composition and Communication*, v. 32, n. 4, p. 365-387, dez. 1981.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender os Sentidos do Texto*. São Paulo, Editora Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo*. Scripta, v. 6, n. 11. Belo Horizonte, 2002, p.109-122.

RODRIGUES, Maria Coeli Saraiva; RODRIGUES-BIASI, Bernardete. *A Retextualização em aulas de Língua Portuguesa do Ensino Superior*. Revista Expressão, v. 41, n. 1, p. 117-130, jan./jul. Mossoró-RN, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/expressao/article/viewFile/7/10>>. Acesso em 23 de mar. 2017.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Os pássaros, a canção e a prensa*. Veja, ed. 1371. São Paulo, 1994, p.150.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: *Anais. V SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2009.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Marina Martins Pinchemel Amorim

Licenciada em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Secretaria de Educação do Estado da Bahia – Brasil. E-mail: marinpinchemel@gmail.com.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada, Universidade de Campinas (Unicamp); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil; Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br.

Filipe Santos Guerra

Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). E-mail: filipe.guerra16@gmail.com.